



III Seminário de Semiótica na USP  
FFLCH-USP, 08 e 09 de outubro de 2009

## Mesa 7

### Semiótica, retórica, leitura

---

#### CONSIDERAÇÕES PARA UMA RETÓRICA TENSIVA: O CASO DA SINÉDOQUE

Dilson Ferreira da Cruz (Ges-Usp, Mackenzie: Pós-doc)

Em sua *Retórica*, Aristóteles ensina que essa ciência estuda os meios pelos quais se pode obter a persuasão do ouvinte. Séculos mais tarde, Cícero, em concordância com o Estagirita, explicará que se ganha o coração do ouvinte pela emoção, pois, apaixonado, ele esquecerá a razão e aceitará as idéias que se lhe apresentam. O cônsul romano acrescenta ainda que, para conquistar as almas, o orador deve apresentar o que é ruim como ainda pior, e o que é bom, como muito melhor.

Tais comentários sugerem que as categorias da semiótica e as da retórica não são estranhas umas às outras, e mais: que a busca da retórica por eficiência, traduzida no esforço pela persuasão do destinatário, consiste em uma procura por afeto, leia-se intensidade, a qual germina nos vazios no discurso, frutos do jogo entre as ausências e presenças das grandezas mobilizadas.

Em nossa comunicação procuraremos investigar sucintamente algumas questões *retóricas* por meio do exame da sinédoque, definida por Fontanier como figura que *faz entender mais ou menos do que as palavras significam em seu sentido primitivo; mais, se o menor objeto é enunciado no lugar do maior; menos, se este toma o posto daquele*.

#### DENTRO OU FORA DA SEMIÓTICA?

Renata Coelho Marchezan (UNESP, Grupo CASA)

PSem buscar escolher uma das alternativas, antes, para tentar propor uma reflexão, trazemos noções, proposições cujo estatuto semiótico não é afirmado consensualmente. São elas coletadas nos livros: *Caminhos da semiótica literária*, de D. Bertrand, e *Da imperfeição*, de A. J. Greimas, obra considerada de dentro e de fora da semiótica. Do primeiro título, exploramos, principalmente, a interessante reflexão da conclusão, que relaciona semiótica e leitura. A semiótica poderia ser considerada uma teoria da

leitura? A leitura está dentro ou fora? No segundo título, o recorte das análises e o método que se depreende delas prestam-se à consideração de uma leitura semiótica? E a noção ‘gênero de discurso’, que Bertrand inclui nos seus caminhos semióticos; fica dentro ou fora? As expressões ‘estar dentro e fora’, ‘circular entre fronteiras’, que embora, aqui, tenhamos retirado de T. Eagleton, podem até ser arroladas como palavras de ordem de nossa época. Talvez por isso, ou apesar disso, fique difícil resistir a elas.